

Incidência da pubalgia em atletas de futebol e futsal na cidade de Campo Mourão-PR

Maria Theresa Ferrari Barbosa, Fisioterapia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Pablo Ryan Saverio, Fisioterapia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Paula Freire Sanches Morais, Fisioterapia, Centro Universitário Integrado, Brasil, paula.freire@grupointegrado.br

Resumo em português: O presente estudo teve como objetivo investigar a incidência de pubalgia em atletas de futebol e futsal da cidade de Campo Mourão-PR, identificando seus principais sintomas, fatores de risco e possíveis correlações com variáveis de treinamento. Trata-se de uma pesquisa epidemiológica transversal, de caráter analítico e abordagem quantitativa, realizada com 70 atletas do sexo masculino, com idades entre 17 e 37 anos. Os dados foram coletados por meio de questionário estruturado aplicado presencialmente e online. Os resultados demonstraram que 24,3% dos participantes apresentaram diagnóstico de pubalgia, enquanto 75,7% relataram não possuir histórico da lesão. Não foram observadas diferenças significativas ($p > 0,05$) entre tempo de prática, carga de treino, tipo de solo, posição de jogo ou frequência de mobilidade articular na incidência da pubalgia. Observou-se que a maioria dos atletas pratica musculação regularmente e realiza exercícios de mobilidade de quadril, o que pode contribuir para menor ocorrência da lesão. Conclui-se que a pubalgia não apresentou associação estatística com as variáveis analisadas, reforçando a importância de estratégias preventivas baseadas no equilíbrio muscular e no treinamento funcional para redução de riscos.

Palavras-chave: Pubalgia. Futebol. Futsal. Lesões musculoesqueléticas. Incidência

Resumo em inglês: The actual work had as its main aim to explore the incidence of Athletic Pubalgia in Campo Mourao -PR Soccer and Indoor Soccer/Futsal Athletes, identifying its main symptoms, risk factors and possibly relations with training variables. It's about an epidemiological transversal search, with analytical feature and quantitative approach, done with 70 male athletes, aged between 17 and 37 years. The data was gathered by a structured form, personally or online applied. The results show that 24.3% of the attendants had the Athletic Pubalgia diagnostic, while 75.7% hadn't any relation with this injury. It was not observed any considerable difference ($p > 0.05$) between practice time, training load, land/court type, game position or frequency joint mobility in Athletic Pubalgia incidence. It was noted that the players majority actively practice Gym Work Out regularly and practice Hips Mobility Exercise, what can help to lower the injury incidence. So, it's concluded that the Athletic Pubalgia has not shown any statistic association with the variables analyzed, reinforcing how relevant are the preventive strategies based on muscle balance e Functional training aiming lowering risk factors.

Keywords: Athletic Pubalgia. Soccer, Indoor Soccer/Futsal. Musculoskeletal Injuries. Incidence.

INTRODUÇÃO

O futebol é uma das modalidades esportivas mais populares do mundo, caracterizado por ser praticado em campos amplos, com duas equipes compostas por 11 jogadores cada. A dinâmica do jogo envolve corridas de longa distância, sprints, saltos, chutes e contato físico constante, exigindo elevado preparo físico e técnico dos atletas (Rago, *et al.*, 2019). A natureza intermitente do esporte, com variações de intensidade ao longo da partida, pode gerar sobrecargas musculares, especialmente na região do quadril e abdômen inferior, sendo fatores de risco para lesões como a pubalgia (Afonso *et al.*, 2021).

O futsal, por sua vez, é uma modalidade derivada do futebol, jogada em quadra e com equipes compostas por cinco jogadores. O espaço reduzido e o piso rígido tornam o jogo mais rápido, exigindo maior agilidade, controle de bola e tomadas de decisão em curto tempo (Barbero-Alvarez *et al.*, 2015). As constantes acelerações, desacelerações e mudanças de direção típicas do futsal aumentam o esforço sobre a musculatura estabilizadora do tronco e dos membros inferiores, elevando a incidência de lesões musculares e articulares (Nunes *et al.*, 2018).

Apesar de suas semelhanças com o futebol, o futsal possui demandas físicas distintas, o que também influencia no perfil de lesões apresentado pelos atletas. Estudos apontam que jogadores de futsal apresentam maior prevalência de lesões em joelho e tornozelo, enquanto jogadores de futebol de campo apresentam mais lesões em isquiotibiais e região adutora (Júnior, 2011).

A pubalgia, também conhecida como "síndrome da dor púbica" ou "hérnia do esportista", é uma condição caracterizada por dor na região do púbis, geralmente associada à inflamação ou sobrecarga dos músculos e tendões que se inserem nessa área, como os adutores da coxa e os músculos abdominais (Machado *et al.*, 2023). Trata-se de uma lesão multifatorial, muitas vezes causada por desequilíbrios musculares, sobrecarga repetitiva, alterações biomecânicas e movimentos intensos de rotação do tronco ou abdução e adução da perna (Silva; Rocha, 2018). A pubalgia pode ser bastante limitante, afetando diretamente o desempenho físico e a qualidade de vida do atleta (Júnior; Farias, 2016).

Essa condição é frequentemente observada em jogadores de futebol e futsal, devido à natureza intensa e repetitiva dos gestos esportivos dessas modalidades, como chutes, mudanças bruscas de direção, sprints e desacelerações (Azambuja *et al.*, 2023). A prática constante e a exigência de alto rendimento tornam esses atletas particularmente vulneráveis ao desenvolvimento da pubalgia, especialmente quando não há um trabalho preventivo adequado. Em muitos casos, o diagnóstico pode ser retardado devido à confusão com outras patologias da região pélvica, o que contribui para a cronicidade da dor e o afastamento prolongado dos treinos e competições (Ferreira; Lima, 2021).

A pubalgia é uma lesão comum em esportes como futebol e futsal, que exigem movimentos explosivos e mudanças rápidas de direção, podendo afetar significativamente o desempenho dos atletas. Desta forma, o estudo teve como objetivo compreender a prevalência da pubalgia e correlacionar com os fatores de risco como alterações biomecânicos, musculoesqueléticos e fatores externos envolvidos. Pois o entendimento sobre esses fatores pode direcionar o atendimento fisioterapêutico tanto prevenção, quanto na reabilitação para melhor evolução e/ou desenvoltura do atleta.

MÉTODO

A presente pesquisa caracterizou-se como um estudo epidemiológico transversal analítico, com abordagem quantitativa, cujo objetivo foi investigar e identificar a prevalência da pubalgia, seus principais sintomas, fatores de risco e possíveis correlações com variáveis como tempo de prática, frequência de treino e presença de lesões prévias, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário Integrado, conforme parecer número 102020/2025.

Foram incluídos neste estudo atletas, do sexo masculino, com idade entre 17 e 37 anos, que praticam futebol ou futsal de forma regular, seja em nível amador ou competitivo, e que estejam em plena atividade esportiva no momento da coleta de dados. Além disso, os participantes concordaram voluntariamente em participar da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim como foram excluídos da pesquisa atletas com histórico de cirurgia recente (nos últimos seis meses) na região pélvica, bem como aqueles que não responderem integralmente ao questionário aplicado.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário estruturado pelos pesquisadores, desenvolvido especialmente para este estudo.

A amostra foi composta por atletas de praticantes de futebol e futsal, tanto amadores quanto profissionais de uma cidade do Noroeste do Paraná. Os questionários foram aplicados de forma online e presencial por meio de grupos de *Whatsapp* através do questionário elaborado no *google forms*. O formato online permitiu alcançar um número maior de atletas, enquanto a versão presencial foi utilizada para garantir maior interação e possibilitar o esclarecimento de eventuais dúvidas durante o preenchimento. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, e sua participação será voluntária. Foi garantido o anonimato dos dados, com a utilização de números de identificação em vez de nomes, e a confidencialidade das informações será mantida de acordo com as normas éticas da pesquisa em seres humanos. Os atletas participantes da pesquisa foram os que estão em atividade nos clubes da cidade de Campo Mourão - PR, sendo eles, a ABL Futsal, Atlético Clube Nacional, Sport Campo Mourão e Campo Mourão Futsal.

Este estudo realizou análise estatística descritiva para examinar os dados coletados por meio da plataforma Google Forms. A partir dessa análise, foi possível interpretar e sintetizar os resultados, oferecendo uma compreensão clara dos padrões observados no conjunto de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram da pesquisa 70 atletas de futebol e futsal do sexo masculino, com idade entre 17 e 37 anos ($M = 23,10$; $DP = 4,37$). Os atletas reportaram praticar a modalidade em média a $16,81$ ($DP = 17,97$) anos, sendo $3,09$ ($DP = 0,91$) horas de prática por dia e $1,36$ ($DP = 0,54$) jogos por semana. Conforme os dados da Figura 1, os atletas pertenciam às seguintes posições de jogo: goleiro (11,5%), zagueiro/fixo (17,1%), ala/lateral (28,6%), meio-campista (17,1%) e atacante/pivô (25,7%).

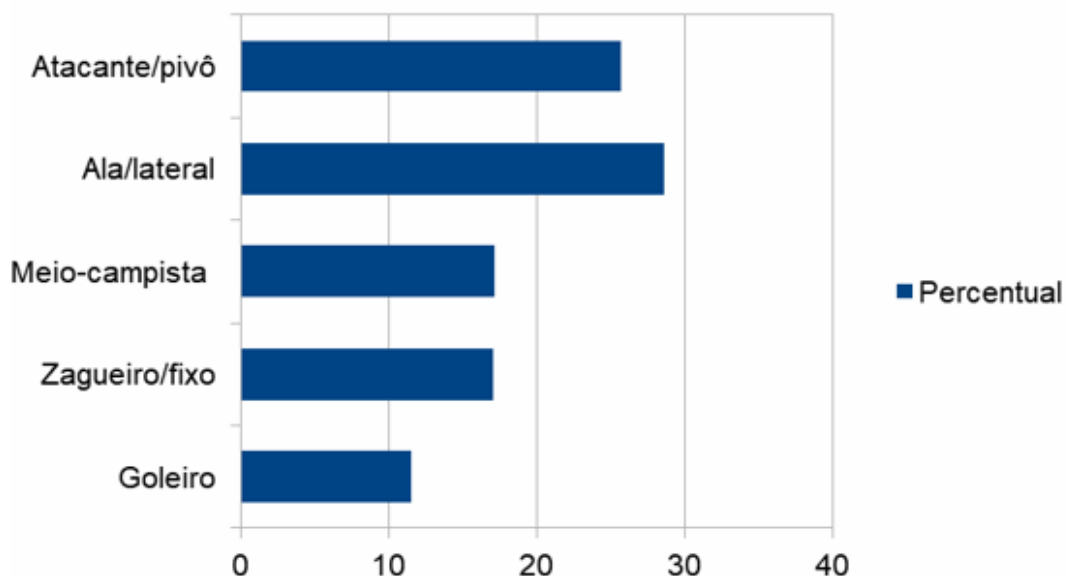


Figura 1 - Posição de jogos dos atletas de futebol e futsal da cidade de Campo Mourão.

Fonte: elaborados pelos autores, 2025

A Figura 2 apresenta os tipos de solo que os atletas praticam o esporte. Nota-se que os solos mais praticados são concreto pintado (44,3%), natural (44,3%), seguidos de madeira (7,1%) e piso emborrachado (4,3%). Ao serem questionados se a chuteira que utilizam é adequada ao tipo de solo, 98,6% dos atletas responderam que utilizam chuteira adequada.

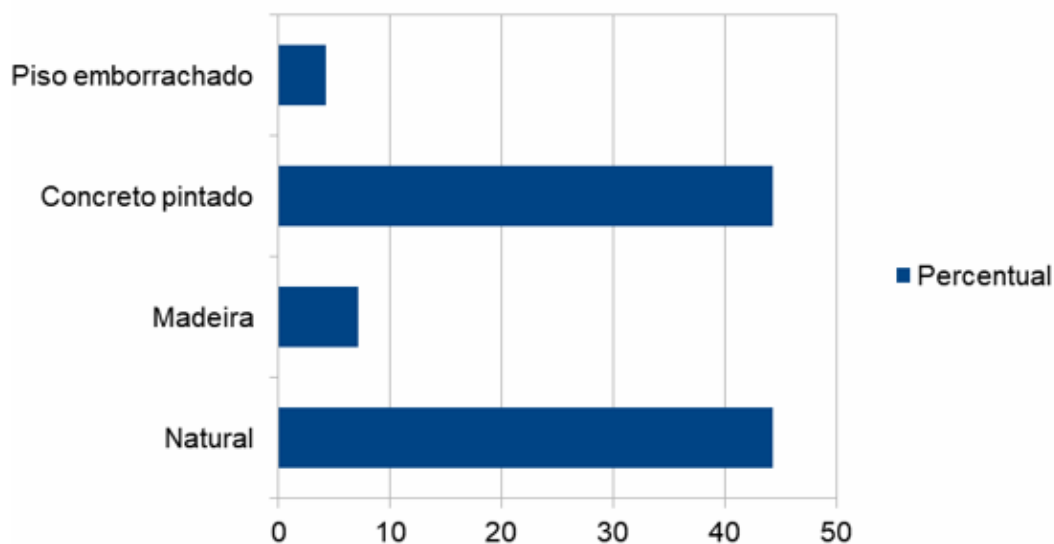


Figura 2 - Tipos de solo que os atletas praticam o futebol e o futsal

Fonte: elaborados pelos autores, 2025

Segundo a Traumatologia associada ao relvado sintético (2014), a rigidez e qualidade da superfície, bem como a sua fricção com o calçado, são fatores chave das lesões relacionadas com o piso. A rigidez do piso e a fricção piso calçado excessiva afetam as forças de impacto e podem provocar sobrecarga de tecidos, como osso, cartilagem, músculo, tendão e ligamento.

Já Albalad-Aiguabella *et al.*, 2025, nos diz que a superfície da quadra também é um fator-chave na determinação do tipo de lesões que podem ocorrer durante a temporada. De acordo com os preparadores físicos, a superfície de jogo parece estar associada à ocorrência de lesões específicas, como edemas ósseos ou lesões nos músculos adutores (Werner *et al.*, 2019), nos traz também que as lesões na região do quadril e da virilha, incluindo a pubalgia, representam aproximadamente **14% de todas as lesões que causam afastamento** em jogadores profissionais de futebol masculino. A taxa de incidência registrada é de cerca de **1,0 lesão por 1.000 horas de exposição ao jogo ou treino**, sendo que, apesar de uma leve redução na frequência ao longo dos anos, a carga total dessas lesões (em termos de dias perdidos) permaneceu praticamente constante. Esses dados foram obtidos a partir de um estudo prospectivo realizado durante 15 anos com clubes de elite europeus, parte do UEFA Elite Club Injury Study”.

Ao analisar o perfil de prática da musculação dos atletas de futebol e futsal (Tabela 1), observa-se que 94,3% dos atletas relataram praticar musculação. Em relação à frequência de prática, 57,4% dos atletas reportaram praticar musculação 2 a 3 vezes por semana, 19,1% reportaram praticar 1 vez por semana, 17,6% reportaram praticar mais de 3 vezes por semana e 5,9% reportaram praticar quinzenalmente.

VARIÁVEIS	f	%
Prática de musculação		
Sim	66	94,3
Não	4	5,7
Frequência de prática da musculação^a		
Quinzenalmente	4	5,9
1 vez por semana	13	19,1
2 a 3 vezes por semana	39	57,4
Mais de 3 vezes por semana	12	17,6

Nota: a) Variáveis com casos ausentes

Tabela 1 - Perfil de prática da musculação dos atletas de futebol e futsal

Fonte: elaborados pelos autores, 2025

Conforme o estudo de Murara Dada (2020), anatomia e a cinesiologia da articulação do quadril descrita acima, o fato do púbis ser local de fixação de músculos e ligamentos que colaboram na estabilidade do quadril e também na geração de movimentos muito comuns no gesto esportivo (corrida, mudanças bruscas de direção, chutes, patinação, etc), é possível que a solicitação muscular constante e potente do atleta exponha esta articulação ao risco de inflamação dolorosa na região inguinal ou no púbis, dando origem ao quadro de pubalgia, a fraqueza e desequilíbrio entre os músculos adutores e abdutores, ou de flexores e extensores do quadril foi associada com aumento de risco de lesões na virilha. O treinamento ativo com um programa voltado para melhorar a força e a coordenação dos músculos que atuam sobre a pelve, em particular os músculos adutores, é muito eficaz no tratamento de atletas com dor inguinal relacionada aos adutores de longa duração (Holmich *et al*, 1999).

A Tabela 2 apresenta a caracterização de pubalgia e dor dos atletas de futebol e futsal. Nota-se que a maioria dos atletas reportaram não ter pubalgia (75,7%), não sentir dor no abdômen (85,7%), no músculo adutor (67,1%), na virilha (71,4%), na lombar (67,1%), na mudança rápida de direção (88,6%), no momento do chute (84,3%), ao correr (88,6%), na rotação de quadril (85,7%) e que praticam a mobilidade de quadril (81,4%).

VARIÁVEIS	f	%
Já teve pubalgia diagnosticada?		
Sim	17	24,3
Não	53	75,7
Sente dor na região do abdômen?		
Sim	10	14,3
Não	60	85,7
Sente dor na região do adutor?		
Sim	23	32,9
Não	47	67,1
Sente dor na região dor na virilha?		
Sim	20	28,6
Não	50	71,4
Sente dor ao chutar?		
Sim	11	15,7
Não	59	84,3
Sente dor na região lombar?		
Sim	23	32,9
Não	47	67,1
Sente dor na mudança rápida de direção?		
Sim	8	11,4
Não	62	88,6
Sente dor ao correr?		
Sim	8	11,4
Não	62	88,6
Sente dor na rotação de quadril?		
Sim	10	14,3
Não	60	85,7
Pratica mobilidade de quadril?		

Sim	57	81,4
Não	13	18,6

Tabela 2 - Caracterização de pubalgia e dor dos atletas de futebol e futsal.

Fonte: elaborados pelos autores, 2025

Conforme o estudo realizado por Rodrigo Araujo Goes (2023), os atletas com pubalgia relataram praticar 25 modalidades esportivas distintas. Três esportes se destacaram como os mais comuns entre os participantes, seja como atividade esportiva principal ou secundária. Entre as atividades esportivas primárias, o futebol (N = 148) foi o mais prevalente, seguido da corrida (N = 81) e da musculação (N = 70).

Segundo Po F (2000), a origem da pubalgia está diretamente relacionada com a musculatura adutora. Sua utilização excessiva no futebol associada a preparação inadequada causaria estresse repetitivo sobre a sínfise púbica, o que iniciaria o processo. Já segundo Busquet (2001), o encurtamento dos isquiotibiais é a causa primária do desenvolvimento da pubalgia no jogador de futebol. No movimento do chute ideal, a perna de apoio permanece na maioria das vezes esticada, o reto femoral fixa o púbis em uma posição inferior enquanto o reto abdominal abaixa o ombro e a caixa torácica do lado do apoio. A perna que chuta também deve permanecer, na maioria das vezes, esticada. Deste lado, a contração do reto abdominal eleva o púbis, já que não há fixação por parte do reto femoral. Para potencializar a ação do reto abdominal, o ombro homolateral ao chute se desloca para trás e para cima. Os oblíquos elevam o ilíaco do lado do chute.

Major e Halms (1997) observaram em seu estudo a relação entre problemas na articulação sacroilíaca e púbis. Dos 11 atletas estudados, quatro tinham problemas em ambas as articulações. Segundo os autores, essas três articulações (púbis e duas sacroilíacas) interrompem a continuidade óssea do anel pélvico e, se uma das três se torna instável, forças de cisalhamento são criadas, o que transmite instabilidade e estresse a outras porções do anel. Assim, uma instabilidade da sacroilíaca pode resultar em um futuro problema no púbis e vice-versa.

A Figura 3 apresenta a frequência de prática de mobilidade pelos atletas de futebol e futsal. Nota-se que 62,9% dos atletas reportaram praticar a mobilidade mais de 4 vezes por semana, 24,3% reportaram praticar nunca/poucas vezes, 10,0% reportaram praticar 1 a 2 vezes por semana e 2,9% reportaram praticar entre 3 e 4 vezes por semana.

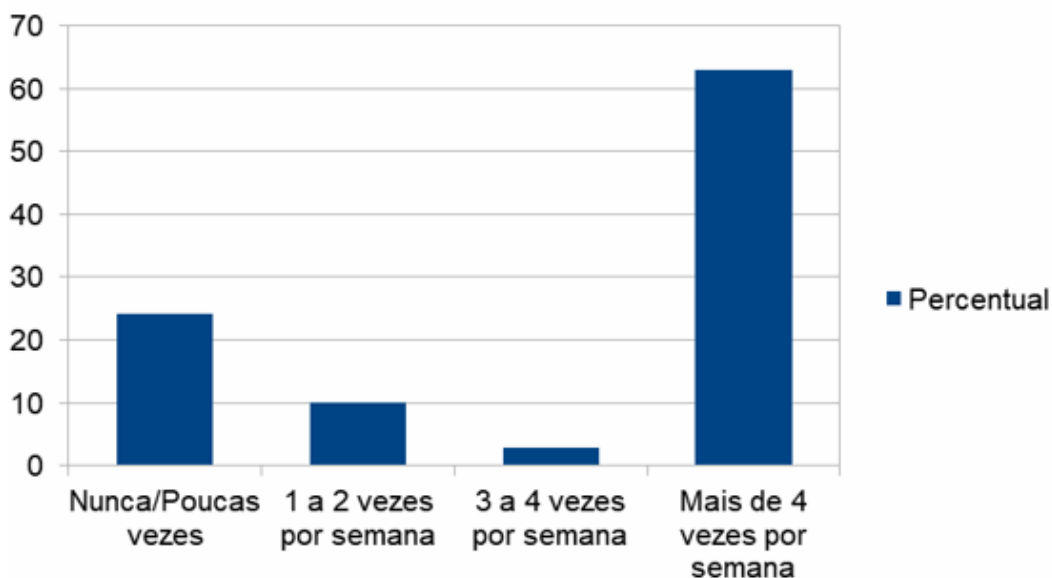


Figura 3 - Frequência de prática de mobilidade pelos atletas de futebol e futsal.

Fonte: elaborados pelos autores, 2025

Angoorani *et al.* (2021) demonstrou que a ADM (Amplitude de Movimento) passiva do quadril pode ser utilizada para identificar jogadores de futebol com alto risco de lesões nos membros inferiores. Segundo Azevedo (2021), quando o movimento do quadril é restrito, forças de cisalhamento vão ser geradas na articulação, levando a movimentos compensatórios internos ou externos de uma hemipelve sobre a outra quando o quadril estiver estendido ou movimentos de deslocamento superior ou inferior quando o quadril estiver fletido. Estes movimentos alterariam o funcionamento normal das articulações sacroilíacas e do púbis, causando problemas mecânicos. Assim como toda a musculatura direta ou indiretamente relacionada ao púbis, a boa mobilidade da articulação sacroilíaca é de essencial importância na fisiologia normal do púbis. Pudemos constatar através de nosso trabalho diário junto a jogadores profissionais de futebol a grande incidência de bloqueios ou mobilidade reduzida do íliaco contradominante, através dos testes de Gillet e Downing, descritos por Magee e Ricard.

Não foi encontrada associação significativa ($p > 0,05$) da incidência de pubalgia de acordo com as variáveis de treinamento dos atletas de futebol e futsal (Tabela 3).

Variáveis	Incidência de pubalgia		X ²	p-valor
	Sim (n=17)	Não (n=53)		
	n (%)	n (%)		
Posição de jogo				
Goleiro	2 (11,8)	6 (11,3)	0,151	0,697
Zagueiro/fixo	6 (35,3)	6 (11,3)		
Ala/Lateral	1 (5,9)	19 (35,9)		
Meio-campista	3 (17,6)	9 (17,0)		
Atacante/pivô	5 (29,4)	13 (24,5)		
Prática de musculação				
Sim	17 (100,0)	49 (92,5)	1,361	0,243
Não	0 (0,0)	4 (7,5)		
Tipo de solo				
Natural	8 (47,1)	23 (43,4)	0,015	0,902
Madeira	0 (0,0)	5 (9,4)		
Concreto pintado	9 (52,9)	22 (41,5)		
Piso emborrachado	0 (0,0)	3 (5,7)		
Prática de mobilidade de quadril				
Sim	16 (94,1)	41 (77,4)	2,391	0,165
Não	1 (5,9)	12 (22,6)		
Frequência de prática da mobilidade de quadril				
Nunca/Poucas vezes	2 (11,8)	15 (28,3)	1,774	0,183
1 a 2 vezes por semana	2 (11,8)	5 (9,4)		
3 a 4 vezes por semana	0 (0,0)	2 (2,9)		
Mais de 4 vezes por semana	13 (76,5)	31 (58,5)		

Tabela 3 - Associação da incidência de pubalgia de acordo com as variáveis de treinamento dos atletas de futebol e futsal (n = 70).

Fonte: elaborados pelos autores, 2025

De forma semelhante, Silva, Frank e Silva (2013) observaram que não houve associação significativa entre a razão aguda: crônica de carga e o surgimento de lesões musculares em jogadores de futebol profissional, embora cargas acumuladas elevadas aumentam o risco de lesões.

A Tabela 4 apresenta a comparação do tempo de prática, tempo diário e frequência de jogos por semana dos atletas de futebol e futsal em razão da incidência de pubalgia.

Variáveis	Incidência de pubalgia		p-valor
	Sim (n=17)	Não (n=53)	
	M (DP)	M (DP)	
Tempo de prática do esporte	17,53 (21,25)	16,58 (17,00)	0,852
Horas de prática diária	3,35 (0,93)	3,00 (0,90)	0,167
Jogos por semana	1,41 (0,62)	1,34 (0,52)	0,635

* Diferença significativa: $p < 0,05$ – Teste t de *student* independente.

Variáveis	Incidência de pubalgia		p-valor
	Sim (n=17)	Não (n=53)	
	M (DP)	M (DP)	
Tempo de prática do esporte	17,53 (21,25)	16,58 (17,00)	0,852
Horas de prática diária	3,35 (0,93)	3,00 (0,90)	0,167
Jogos por semana	1,41 (0,62)	1,34 (0,52)	0,635

* Diferença significativa: $p < 0,05$ – Teste t de *student* independente.

Tabela 4 - Comparação do tempo de prática, tempo diário e frequência de jogos por semana dos atletas de futebol e futsal em razão da incidência de pubalgia

Fonte: elaborados pelos autores, 2025

Não houve diferença significativa ($p > 0,05$) entre os grupos em nenhuma das variáveis comparadas. Segundo Alonso, Floresta, Santos, Brech e Cunha (2009), alguns autores relatam que os excessos de jogos e treinamentos colocam os atletas em risco de lesões musculares e osteoarticulares e, além disso, os desequilíbrios da musculatura abdominal e paravertebral, adutor e abductor, encurtamento de isquiotibiais e ou uma hiperpotência de quadríceps, levam a alterações do complexo lombar pélvico estudo a média de idade foi de 18 ($\pm 0,79$) anos, sendo que 100% dos jogadores já praticavam o esporte competitivo há mais de cinco anos. A variável de idade escolhida deve-se ao fato de vários autores relatarem que atletas em fase de crescimento tendem a uma maior incidência de lesões, esta, associadas a alterações de coluna vertebral e joelhos, somado a má condição muscular, comprovadas pelas inúmeras retrações de cadeia posterior. Nesta faixa etária estão mais suscetíveis a jogos competitivos e treinamentos com maiores cargas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstra que os atletas de futsal e futebol da cidade de Campo Mourão apresentaram um baixo índice de pubalgia, sendo 75,7% dos avaliados livres da condição. Essa baixa prevalência pode estar relacionada a fatores externos próprios das modalidades, como o tipo de calçado, o solo de jogo, a quantidade de partidas e o tempo de prática esportiva, que contribuem para uma menor incidência da lesão. Observou-se também que a maioria dos atletas apresenta boa mobilidade de quadril (62,9%) e elevada frequência de prática de musculação (94,3%), fatores que possivelmente influenciaram de forma positiva os resultados encontrados.

Considerando que a pubalgia está frequentemente associada à fraqueza de músculos como o reto abdominal, adutores e quadrado lombar, a manutenção da força e da estabilidade do complexo pélvico-lombar se mostra essencial para a prevenção dessa condição. Dessa forma, conclui-se que a combinação entre alta mobilidade articular, bom condicionamento muscular e fatores externos favoráveis pode contribuir significativamente para a redução da incidência de pubalgia em atletas de futebol e futsal.

Recomenda-se, portanto, a continuidade de programas de fortalecimento e mobilidade voltados à região pélvico-lombar, bem como o acompanhamento fisioterapêutico preventivo para otimizar o desempenho esportivo e minimizar o risco de lesões musculoesqueléticas.

REFERÊNCIAS

AFONSO, J.; CLAUDINO, J. G.; FONSECA, H.; GONÇALVES-MOREIRA, D.; FERREIRA, V.; ALMEIDA, J. M.; CLEMENTE, F. M.; CAMPILLO-RAMIREZ, R. Stretching for recovery from groin pain or injury in athletes: A critical and systematic review. **Journal of functional morphology and kinesiology**, v. 6, n. 3, p. 73, 2021.

ALBALAD-AIGUABELLA, R.; NAVARRETE-VILLANUEVA, D.; MAINER-PARDOS, E.; VILLANUEVA-GUERRERO, O.; MUNIZ-PARDOS, B.; VICENTE-RODRÍGUEZ, G. Physical training considerations for futsal players according to strength and conditioning coaches: A qualitative study. **Sports**, v. 13, n. 4, p. 126, 2025.

ALONSO, A. C.; FLORESTA, A. A. N.; SANTOS, E. S.; BRECH, G. C.; CUNHA, M. C. B. Proposta de tratamento preventivo de pubalgia em jogadores juniores de futsal. **Fisioterapia Brasil**, v. 10, n. 5, p. 324–327, 2009.

ANGOORANI, H.; KARAMINIA, M.; MAZAHERINEZHAD, A.; HASSANMIRZAEI, M.; MOGHADAM, A. Hip range of motion as a predictor of injury risk in football players. **Asian Journal of Sports Medicine**, 2021.

AZAMBUJA, M. G. de; VILAR, H. V. C.; AUGUSTO, D. D. **Pubalgia em atletas de baixo e alto rendimento Etiologia e Tratamento Fisioterapêutico**. 2023.

AZEVEDO, D. C. Alterações biomecânicas do quadril e sua relação com dor pélvica em atletas. **Revista de Fisioterapia do Esporte e Movimento**, 2021.

AZEVEDO, D. C.; PIRES, F. O.; CARNEIRO, R. L. A pubalgia no jogador de futebol. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 5, n. 6, p. 233–238, 1999.

BARBERO-ALVAREZ, J. C.; SUBIELA, J. V.; GRANDA-VERA, J.; CASTAGNA, C.; GÓMEZ, M.; DEL COSO, J. Aerobic fitness and performance in elite female futsal players. **Biology of sport**, v. 32, n. 4, p. 339–344, 2015.

BUSQUET, Léopold. **Cadeias musculares e articulares – Volume III: Membros inferiores**. São Paulo: É Realizações, 2001.

DOMINGOS, D. S.; SIQUEIRA, F. B. Possíveis mecanismos causadores de pubalgia em atletas jogadores de futebol. **Centro Esportivo Virtual (CEV)**, 2015.

FERREIRA, M. A.; LIMA, P. R. Diagnóstico diferencial da pubalgia em atletas: desafios e perspectivas. **Revista de Ortopedia e Traumatologia Esportiva**, v. 8, n. 3, p. 89–95, 2021.

GOES, R. A.; TELES, F. D. C.; FIGUEIREDO, F.; NORONHA, D. R.; COELHO, O. N.; PEIXOTO, L. P. Análise epidemiológica de 245 pacientes com pubalgia atlética. **Revista Brasileira de Ortopedia**, São Paulo, v. 58, n. 4, p. e563–e570, 2023.

HÖLMICH, P.; UHRSKOU, P.; ULNITS, L.; KANSTRUP, I. L.; NIELSEN, M. B.; BJERG, A. M.; KROGSGAARD, K. Effectiveness of active physical training as treatment for long-standing adductor-related groin pain in athletes: randomised trial. **Lancet**, v. 353, n. 9151, p. 439–443, 1999.

JUNIOR, N. da S. P.; FARIAS, D. N. de. Tratamento fisioterapêutico de pubalgia em jogadores de futebol profissional: uma revisão integrativa. **Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde**, 2016.

JÚNIOR, V. S. S. **Incidência de lesões de membros inferiores e prevenções no futsal**: uma revisão. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

MACHADO, J. K. S.; GUIMARÃES, G. H. S.; FERREIRA, M. C.; NOGUEIRA, J. G. Relação do impacto femoroacetabular e pubalgia em jogadores profissionais de futebol de campo. **Revista brasileira de ortopedia**, v. 58, n. 6, p. e862–e868, 2023.

MAJOR, N. M.; HELMS, C. A. Pelvic stress injuries: the relationship between sacroiliac joint dysfunction and osteitis pubis in athletes. **Skeletal Radiology**, v. 26, p. 711–717, 1997.

MATOS, L. D. de A.; LIMA, J. R. de A. A abordagem fisioterapêutica na prevenção e tratamento da pubalgia em jogadores de futebol masculino: uma revisão das práticas atuais. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, 2024.

MURARA DADA, C. Anatomia e cinesiologia da articulação do quadril: implicações clínicas. **Revista de Fisioterapia e Movimento**, 2020.

NUNES, R. F. H.; DELLAGRANA, R. A.; NAKAMURA, F. Y.; BUZZACHERA, C. F.; ALMEIDA, F. A. M.; FLORES, L. J. F.; GUGLIELMO, L. G. A.; SILVA, S. G. da. Isokinetic assessment of muscular strength and balance in Brazilian elite futsal players. **International journal of sports physical therapy**, v. 13, n. 1, p. 94–103, 2018.

PINHO, M. C. M. de. Relação entre a pubalgia e a morfologia estrutural do pé em futebolistas. **Tese (Mestrado)** – Universidade de Lisboa, 2012.

PO, F. A pubalgia do jogador de futebol: causas, diagnóstico e tratamento. **Revista Portuguesa de Medicina Desportiva**, Lisboa, v. 18, n. 2, p. 45–52, 2000.

SIMPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Apoio



FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA
Apoio ao Desenvolvimento Científico
e Tecnológico do Paraná

RAGO, V.; BRITO, J.; FIGUEIREDO, P.; KRUSTRUP, P.; REBELO, A. Relationship between External Load and Perceptual Responses to Training in Professional Football: Effects of Quantification Method. **Sports**, v. 7, n. 3, p. 68, 2019.

SILVA, J. F.; ROCHA, M. G. Aspectos biomecânicos da pubalgia em jogadores de futebol. **Revista de Fisioterapia Esportiva**, v. 10, n. 2, p. 45–50, 2018.

SILVA, J. R.; FRANK, K. D.; SILVA, M. R. Tratamento fisioterapêutico de pubalgia em atleta de futsal profissional: estudo de caso. **Revista FisiSenectus**, 2013.

TRAUMATOLOGIA ASSOCIADA AO RELVADO SINTÉTICO. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 2014.

WERNER, J.; HÄGGLUND, M. EKSTRAND, J. WALDÉN, M. Hip and groin time loss injuries decreased slightly but injury burden remained constant in men's professional football: the 15-year prospective UEFA Elite Club Injury Study. **British journal of sports medicine**, v. 53, n. 9, p. 539–546, 2019.